



NEM UMA A MENOS

ELISA MONTEIRO

elisamonteiro@adufrrj.org.br

51,4%

da população brasileira são mulheres

No mundo, Brasil fica em

5º

lugar em taxa de feminicídio

45.460

estupros foram registrados em 2015

Um feminismo para o século XXI é o que prometem as manifestações programadas para o Oito de Março, Dia internacional da Mulher, de 2017. Mais de 370 localidades de 47 países aderiram ao movimento.

A proposta é que as mulheres parem as atividades para dar visibilidade às diferentes formas de violências de gênero. Trabalho remunerado, afazeres domésticos e até sexo entram na conta. No Rio de Janeiro, haverá ato no centro, com concentração na Candelária a partir das 16h. Para quem não puder parar o dia todo, a sugestão é interromper as tarefas entre 12h30 e 13h30 para conversar com as colegas sobre o tema.

“O lema ‘Se nossas vidas não importam, que produzam sem nós’ é a provocação sobre a nossa força de trabalho, em todas as suas dimensões”, explica Lara Werner, uma das organizadoras da Marcha no Brasil. Além das passeatas, estão previstos seminários, reuniões ou assembleias de mulheres.

O chamado para uma Greve Internacional de Mulheres (*International Women's Strike*) ganhou peso com a adesão do *Women's March*, Marcha que reuniu milhões contra o programa conservador do presidente Donald

Trump nos EUA, em janeiro deste ano.

O *Women's March*, por sua vez, espelhou-se nas mobilizações de polonesas contra um projeto de lei que restringia o aborto no país. E também no movimento *Ni Una Menos* (Nem Uma a Menos), contra o feminicídio, na América Latina, ambos do final de 2016.

“O recente movimento de mulheres nos EUA foi uma resposta à insegurança global agravada pela agenda de Trump”, explica Lara. “É uma nova onda do feminismo, marcadamente internacionalista, não colonial e anticapitalista”, avalia.

PREVIDÊNCIA NA PAUTA

“A organização da greve — se as mulheres param ou não, qual a pauta local — é toda horizontal”, informou a jornalista Mariana Bastos, outra organizadora do movimento.

“Dos 25 países onde mais se mata mulheres, 14 estão na América Latina. O Brasil é o quinto país em feminicídio”, destaca.

As manifestações no Brasil também miram a reforma previdenciária, com prejuízos específicos às mulheres. A proposta do governo prevê, por exemplo, a equiparação de idade mínima para aposentadoria entre homens e mulheres.

De 2003 a 2013, subiu

54%

o homicídio de negras

9,8%

foi a redução do assassinato de brancas

100%

das mulheres sabem da Lei Maria da Penha

ASSEMBLEIA DE PROFESSORES > 13 MAR, 13H

EM PAUTA Impactos da reforma da Previdência na carreira docente
Paralisação de 15 de março
Informes sobre o corte de 28% e situação dos 26%
Participação do jurídico da Adufrj

LOCAIS Fundão: Auditório D-220 do Centro de Tecnologia
IFCS: sala 106
Macaé: Auditório do Polo Barreto.
Tecnologia de videoconferência vai ligar os três locais



COM CIÊNCIA E VALENTIA

> Professoras relatam como enfrentam a cultura do machismo na universidade



Ivana Leal, Débora Foguel, Angela Uller e Kátia Carneiro: exemplos de excelência acadêmica na UFRJ

VALENTINA LEITE

Estudante da ECO/UFRJ e Estagiária

Mães, pesquisadoras, professoras. Tudo ao mesmo tempo. Ser mulher e cientista no Brasil não é fácil. Elas enxergam alguns avanços, mas ainda consideram longo o caminho para a igualdade de gênero nas universidades.

Kátia Carneiro, 39 anos, é coordenadora de graduação do Instituto de Ciências Biomédicas e mãe de três filhos. Logo após se formar, casou e engravidou durante o mestrado. “Tive meu segundo filho no doutorado e, há cinco anos, o meu terceiro. Não precisamos abrir mão de um sonho para viver outro”, defende. Atualmente, as leis de licença-maternidade já atendem melhor às demandas das cientistas brasileiras. “Já tivemos muitos ganhos. Há 10 anos, não era assim”, comenta Kátia.

Ivana Leal tem 36 anos e é professora do Departamento de Produtos Naturais e Alimentos, da Faculdade de Farmácia, há oito anos. Por ter entrado cedo na comunidade acadêmica, ela nota a presença do machismo em determinadas áreas. “O pensamento machista de que mulheres têm menor capacidade de acesso, permanência e ascensão

na carreira científica certamente prejudica maiores conquistas”, observa.

Já Débora Foguel, 52, professora do Instituto de Bioquímica Médica, diz ser preciso conscientizar jovens meninas de que devem e podem ser físicas, matemáticas e engenheiras. “A mudança começa em casa e na escola”, diz. Segundo ela, há uma cultura de que meninos e meninas têm vocação para certas carreiras, quando a escolha deve ser de cada um.

De acordo com a professora Angela Uller, 64 anos, ter ocupado o cargo de diretora da Coppe, entre 2003 e 2007, foi o reflexo de um trabalho árduo. Casada e mãe de três filhos, ela conta que, apesar de ter sido apoiada pela maioria dos colegas, sofreu preconceito. “A discriminação vem de um jeito subliminar, pouco explícito, mas sabemos que está ali”, informa.

Angela opina que a engenharia costumava ser um espaço ocupado por homens, realidade que está se modificando. “Se você se coloca e mostra o que é capaz de fazer, ninguém pode te barrar. São suas ideias que importam e não o seu gênero”, conclui.

O Brasil tem apenas

19

reitoras nas federais

55%

dos calouros em 2013 eram mulheres

60%

dos formandos em 2013 eram alunas

40,5%

das famílias são chefiadas por mulheres

29,8%

das mulheres não estudam nem trabalham

As mulheres ganham

32%

a menos que os homens

